

2

“Elogio do subúrbio”¹

Tão limitado, estar aqui e agora,
dentro de si, sem poder ir embora,

dentro de um espaço mínimo que mal
se consegue explorar, esse minúsculo
império sem território, Macau

sempre à mercê do latejar de um músculo.
Ame-o ou deixe-o? Sim: porém amar
por falta de opção (a outra é o asco).
Que além das suas bordas há um mar

infenso a toda nau exploratória,
imune mesmo ao mais ousado Vasco.
Porque nenhum descobridor na história

(e algum tentou?) jamais se despreendeu
do cais úmido e ínfimo do eu. 2

A maioria dos seres humanos atua como
historiadores:
só em retrospecto reconhece a natureza de
sua experiência. 3

Neste capítulo pretendo explorar, através das crônicas de Lobo Antunes, de que maneira os espaços e os tempos passados são percebidos e vividos por seus personagens. “Elogio do subúrbio”, nome de uma das crônicas, parece resumir o sentido dos ambientes analisados pelo Autor, pois parece conter a admiração por uma região apartada da cidade onde, à margem dos movimentos urbanos, seus habitantes conservam hábitos e sentimentos afastados do progresso e, como os personagens, vivem a saudade do passado, através de sentimentos *periféricos* e deslocados, que estão fora do repertório da contemporaneidade.

As duas epígrafes foram escolhidas pelo que falam do ser humano e da relação deste ser com a sua história; pelo que falam do enredo da vida e da necessidade do homem de compreender este percurso e de riscar, deixar marcada na terra, a linha percorrida. As duas epígrafes falam da inerente curiosidade humana, de seu espírito exploratório e do distanciamento necessário às avaliações

1 ANTUNES, António Lobo. *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.13

2 BRITO, Paulo Henriques. Soneto Simétrico II IN: *Macau*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. P.42.

3 HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P.253

e aos balanços de vida. Falam do olhar para trás. Das vidas-naves que mesmo tendo alcançado a Lua e Marte, mesmo tendo transformado e transtornado o tempo e multiplicado os espaços, acabam retornando sempre ao cadinho de cada um, onde, por mais que se explore não se chega além dos seus eus. Vidas que habitam espaços do passado no presente da memória coalhada de substantivos conhecidos e pessoais e de sentimentos e imagens que tanto mais claros são, quanto mais distantes ficam.

Lobo Antunes trabalha em suas crônicas o ambiente em que estes personagens contemporâneos vivem as suas saudades de relações afetivas na família e na sociedade; as saudades de um lugar ou de um tempo, de um objeto situado num momento passado.

Saudade pode ser definida como a

Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia; pesar pela ausência de alguém que nos é querido. 4

Misto de dor pela perda, falta, ausência ou vazio, o termo saudade, que é próprio da língua portuguesa, é classificado como um substantivo abstrato, mas que adquire densa concretude nas diferentes formas em que é vivido. Por isto é intraduzível e indefinível como afirma Eduardo Lourenço:

Da saudade [os portugueses] fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num 'mito'. É essa mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia que é o seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa. 5

Enigmática, a saudade transformou-se em marca ou mácula que, como o pecado original, é uma cicatriz inata, hereditária que tende a acentuar os acontecimentos passados, tornando-os cada vez mais relevantes. Por isto, parece ser uma dor que recende à maresia dos cais de espera e ainda à perda de impérios grandiosos e fantásticos que marcam em relevo o imaginário português.

Dor renitente que corre no sangue e nos textos do autor, a saudade é catalisada pelas nossas lembranças que, acionadas por um simples estímulo

4 BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*: Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975

5 LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. P.31

sensorial fazem emergir cascatas de imagens, cheiros e sons do passado no presente, cenas do inconsciente trazidas para o consciente. Trata-se de uma dor concreta que quando alimentada por fragmentos de memórias recriadas por Lobo Antunes perde as capas e espadas do imaginário longínquo e se desloca para o umbigo, para a “estranha melancolia sem tragédia”, vivida pelo homem comum. O autor faz desviar o olhar dos grandes feitos heróicos do passado para as mazelas do cotidiano, deslocando o peso das frustrações pelas grandes perdas, para as individuais derrotas mezinhas. Dilui assim os vastos impérios nos oceanos exíguos da casa, da família e do trabalho.

As crônicas de Lobo Antunes falam do dia a dia de uma vida sem glamour e sem tempero. Por serem escritas como relatos pessoais, elas acabam por circunscrever um relacionamento íntimo, e criar uma empatia, uma identificação através da qual o leitor acaba por ver-se *dentro* da crônica, participando de situações e de circunstâncias vividas pelos personagens. Ao fazer do leitor o seu confidente, Lobo Antunes desperta as memórias e as experiências próprias de cada um.

2.1

Os espaços da saudade

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar o tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. 6

A exposição feita acima por Bachelard sintetiza o sentimento representado na crônica “Uma carta para Campo de Ourique”⁷. Esta apresenta um comovente relato centrado no conflito existente entre tempo e espaço. A carta, escrita a um antigo amor da juventude, na realidade é uma tentativa de novamente *possuir* o universo do passado contido e retido nos “espaços da estabilidade do ser”: a casa e o bairro de Campo de Ourique. No baú intocado de lembranças, o local permanece

6 BACHELARD, Gaston. Op.cit. P.28.

7 ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para Campo de Ourique”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

presente e vivo na memória. No entanto, o lar, simbolizado pelos espaços que recheiam seu mundo interior, foi transformado:

[...] onde era a casa e a casa ao lado [...] é um minimercado agora no qual as viúvas de Campo de Ourique compram sabão, detergentes, caramelos, [...] 8

É clara a percepção da dor do personagem diante do embate entre passado e presente representado na não aceitação da transformação de um lugar carregado de significações e vivências afetivas em um ambiente impessoal, coletivo, despersonalizado. Esta resistência obriga o personagem, a um movimento repetitivo, obriga a voltar todos os domingos ao mesmo lugar, como um “ser que não quer ver passar o tempo”: “Preciso de voltar a casa mesmo que não exista a casa,”⁹. O personagem precisa ir ao passado em busca das referências perdidas, “em busca de um odor que não há,...”¹⁰ e dos momentos intimistas que vivera na infância como os “passeios de bicicleta até a Ajuda, noites de sexta-feira no cinema, sabor de bombons de tangerina, um morto enorme, de sapatos de verniz, no quarto lá de cima.”¹¹.

Percebe-se também nos trechos citados acima, o olhar microscópico de Lobo Antunes a apontar, poeticamente, inúmeras sensações e fatos que marcaram diferentes fases da vida do personagem. O olhar macroscópico fica evidente quando o autor nos confronta com o desespero latente do personagem que não sabe lidar com as perdas e com o tempo passado. São cheiros e sabores presentes na memória que o personagem insiste em reviver, muito embora saiba que não pode encontrar mais.

O autor ao incluir neste rol de sensações a presença da morte como parte do cotidiano, faz lembrar que este ritual - cuja função era a de mostrar o avesso da vida num recurso para valorizá-la – perdeu-se nos novos tempos. No mundo atual a morte e a velhice passaram a ser camufladas, proteladas e até negadas diante das promessas da eterna juventude. Novos tubos de cremes e de cápsulas passam a ocupar o lugar de antigos valores que sucumbem ao mercado e desaparecem ocultados por camadas sobre camadas que se aderem às “peles”, escondem o tempo e negam o passado.

8 ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para Campo de Ourique”. *Op.cit.* P.77.

9 Idem. P.78

10 Idem. P.79.

11 Idem. P.79.

Da mesma forma, os cenários reais e fictícios se sobrepõem na crônica, fazendo com que a imagem da casa materna ultrapasse o mercado quando o personagem caminha “... por ruazinhas de flocos de aveia, caramelos, iogurtes, do mesmo modo que caminhava dantes sem peso pelos compartimentos da casa...”¹²; ou ainda quando vê “... o retrato dos meus pais acolá, no sítio de sempre, sobre um tampo de cómoda...”¹³ e se dá conta de que esta imagem “... se transformou numa pilha de garrafas, etiquetas de cerveja e concentrado de laranja”.¹⁴ Estas sobreposições feitas pelo autor parecem expor uma das dificuldades atuais do homem urbano: a de suportar as insistentes renovações impostas pela sociedade moderna que, ao mesmo tempo, descartam e passam por sobre o passado e a história. O caminho inerte que resta ao personagem é o de transformar a memória em um fim em si mesma, deixando subentendido um desfecho repetitivo e nostálgico de depressão e solidão - males tipicamente urbanos que fazem lotar os consultórios médicos e as prateleiras das farmácias.

O personagem percorre “... as veredas de fraldas e compotas,... assim tão sem esperança como uma chuva no pátio...”¹⁵. Vê o seu passado nas prateleiras como uma viúva da própria vida em meio a outras viúvas que, vestidas de negro, tal qual abutres, roubam-lhe o que é seu, levando em sacolas a existência fecunda e a continuidade contida nos olhos vivos e vermelhos dos coelhos. No “... relógio de ouro do meu avô na sua redoma de vidro,...”¹⁶ vai-se o tempo dourado e protegido que, apesar de embalsamado, não se reteve e passou.

A leitaria, de onde escreve a carta, é descrita como “modesta perto da nossa casa com um televisor apagado em cima de uma lata de biscoitos...”¹⁷ A imagem localiza um espaço parado no tempo suspenso, onde o símbolo máximo da comunicação permanece desligado, como ele, do mundo.

Além disso, a distância que separa a fantasia do real e o passado do presente é medida pelo percurso feito todos os domingos pelo personagem:

[...] basta que lhe diga que para chegar a Campo de Ourique
necessito de tomar três autocarros diferentes, deixando-me o

12 ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para Campo de Ourique”. *Op.cit.* p.77.

13 Idem, p.78

14 Idem, p.78

15 Idem, p.77

16 Idem, p.78

17 Idem, p.78

último bastante longe da vivenda junto do cemitério e dos seus gladiolos brancos. 18

O trecho citado descreve o esforço despendido e o sofrimento sentido pelo personagem para conseguir atravessar a cidade (presente) e alcançar a casa (passado). Por último, parece sugerir que o fim do percurso, o ponto final é a morte, destino certo e previsível representado pela eternidade do cemitério, pela morada dos mortos, um local seguro, onde os gladiolos brancos são naturais contrapondo-se à artificialidade do mundo real enfrentado pelo personagem.

Poderíamos dizer então, que os tempos se embaralham na trama e na vida do personagem, pautados por fragmentos de perdas. Ana, o antigo amor e objeto da carta, parece fazer parte do mundo do personagem, tal a riqueza de minúcias descritas sobre os ambientes compartilhados. Entretanto, no decorrer do tempo psicológico, percebe-se uma distância *real* que determina a vida dos dois: “Não nos vemos há tanto tempo, deixámos há tanto tempo de falar que você não sabe, não pode saber, onde moro:” 19 Ao final do texto, o personagem premedita o seu percurso futuro e previsível quando anuncia:

[...] apanharei o autocarro na paragem junto ao cemitério e regressarei ao apartamento onde moro a fim de terminar esta carta, a colocar no envelope, e permanecer a olhar a parede fronteira séculos a fio, como se que você se desse conta olhava o seu perfil ao meu lado na tarde em que fomos ao teatro e eu quis dizer que gostava de si e nunca fui capaz. 20

A partir desse trecho, compreende-se que a relação de amor que o personagem ainda mantém é apenas a fantasia de um desejo nunca realizado. A astúcia de Lobo Antunes mostra-se mais evidente neste anticlímax, quando faz supor, para um leitor provavelmente estupefato, que a declaração de amor nunca feita, sintetiza todo o descaminho traçado pelo personagem com uma única linha de não realizações. Como se o autor riscasse com o próprio texto a linha da vida tracejada e escorrida na seqüência dos parágrafos, como um desenho metalingüístico onde o final da carta é o fim do caminho.

Poderíamos considerar que Lobo Antunes faz a representação de um ponto final que não se acaba e que se reproduz a cada domingo, quando o personagem repete a mesma viagem, a mesma carta. Trata-se de um caminho sem saída que

18 ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para Campo de Ourique”. *Op.cit.* P.78

19 Idem, p.77-78.

20 Idem, p.79.

reflete a sensação de deslocamento e não compreensão dos evidentes efeitos que a sociedade contemporânea exerce sobre o homem, o que pode ser entendido como “a sujeira” de que fala Bauman:

No mundo pós-moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda o severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a “sujeira” da pureza pós-moderna. 21

Lobo Antunes expõe esta “sujeira” e a velocidade com que ela se forma. Mostra a dor da saudade, onde se vive um tempo cronológico que não corresponde ao tempo interno, subjetivo e a dor daqueles que não acompanharam as transformações e solicitações dos novos tempos. Quando fala dos sentimentos de inadequação e de solidão, o autor como que retira a pele das sensações para apresentar recortes de memória em carne viva.

“As imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nela” 22. Esta afirmação de Bachelard mostra, como já vimos, a estreita relação existente entre o ser humano e o espaço em que vive. Deste modo, chega-se a associação das expressões e significações da casa com a sua correspondência no homem, como o sótão e a cabeça, ou o porão e os aspectos acumulados e escondidos, *guardados nos subterrâneos* humanos. Assim, a casa, e por extensão a cidade, são os reflexos dos processos humanos, sociais e culturais concretizados através da arquitetura, que tem como uma de suas características a de traduzir no espaço as idiosincrasias do homem.

Os ambientes vividos nas crônicas de Lobo Antunes são as representações reais de quartos, salas, bairros e cidades que surgem, pelo traço do autor, muitas vezes de uma forma exagerada como uma ferramenta que dê realce, que chame a atenção. Estes excessos cenográficos contêm um significado especial: evidenciar o abismo estabelecido entre a realidade dos ambientes públicos e privados e o imaginário das pessoas. As casas de seus textos são como interiores-refúgios, cheios de naperons e porta retratos que parecem representar as frágeis fortalezas

21 BAUMAN, Zigmund. Op. Cit. p.56.

22 BACHELARD, Gaston. Op. Cit. P.20

da memória e do passado, como se segurassem as referências que o tempo e os tratores acabam demolindo para reconstruir em progresso e o desenvolvimento.

A velocidade da destruição e da construção de viadutos, mitos e valores, a superficialidade, o transitório e o mal estar na sensação de defasagem, soam como barulhentas britadeiras, verdadeiros “blequendeques”²³ emocionais que perfuram com tal intensidade e força, que Lobo Antunes parece rebater do mesmo jeito ao mostrar o ambiente urbano contemporâneo como um organismo vivo, que expõe em seus sintomas a doença dos órgãos urbanos e humanos. São bairros e bairros que se sobrepõem e se articulam por esquinas, cotovelos, artérias e tripas compondo várias cidades em várias pessoas partidas. Referências como a rua, a escola, o mercado, a praça, os locais para trocas e atividades com o outro se tornam espasmos de memória que insistem em vir à tona, disputando os espaços e tempos reais.

2.2

A memória – Modos de usar

Ao falar dos espaços passados e rever os ambientes da infância, Lobo Antunes efetiva uma leitura da realidade, oferecendo ao leitor um panorama íntimo aparentemente o seu, que, entretanto, funcionará como um espelho, vivenciado de diferentes maneiras por cada um, como explica Michel de Certeau;

[...] o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades. A fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor. Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante. Os locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobíliam com seus gestos e recordações; os locutores, na língua em que fazem deslizar as mensagens de sua língua materna e, pelo sotaque, por “rodeios” (ou giros) próprios, etc., a sua própria história; [...]²⁴

23 A palavra “blequendequer” foi criada por Lobo Antunes no romance “A morte de Carlos Gardel”, onde uma personagem refere-se ao desconforto provocado pela vibração e pelo barulho de uma furadeira usando o nome da marca do aparelho: Black and Decker.

24 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. P. 49.

Essa mutação de que fala Certeau, capaz de transformar um texto em nosso texto, em nossa história, é duplamente provocada por Lobo Antunes, quando retorna ao mesmo ambiente do passado através de vários olhares diferentes. Esta sucessão de leituras abre um leque para as inúmeras possibilidades de aproveitamento do nosso acervo pessoal, nossos espaços de memória, abre um leque para um uso criativo ou ressentido das lembranças. Uma mesma imagem nos torna capaz de perceber os espaços-tempos ora vividos como experimentados e explorados, ora como perdidos e desperdiçados.

A primeira alternativa parece criar um movimento produtivo. É a memória acionada e usada como alimento e *arquivo de consulta*. É o nosso baú de lembranças que torna possível o reviver de sensações necessárias à compreensão do crescimento e das transformações do mundo. Neste caso, o passado, parte importante de nossa constituição, é usado de forma positiva, produtiva, como matéria prima útil ao constante desenvolvimento.

Na crônica “No fundo do sofrimento uma janela aberta”²⁵, ao discorrer sobre o tempo que esteve em Angola durante a guerra colonial, Lobo Antunes mostra estilhaços da memória recuperados como espaço produtivo. Cercado por um ambiente totalmente hostil, o autor escreve:

Nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para doer mais, depois das minas, das emboscadas, dos rapazes sem pernas, da comida atirada pelos caixotes pelo avião que não podia aterrar e que a gente disputava aos cães,[...] 26

Percebe-se que a dor, claramente ilustrada pela memória do passado, vai se transformando quando é despertada e estimulada por uma segunda lembrança: “uma voz de ardina lisboeta desatou a apregoar os jornais da tarde e o pântano de espingardas e caixões em que eu vivia se transformou numa rua da Baixa.”²⁷ Através da voz e do sotaque do vendedor de jornais, a memória passa a produzir a sensação de proteção e afeto de que tanto necessitava naquele momento:

[...] ele punha os dedos adiante da boca, começava a apregoar, e na meia hora seguinte ficávamos em paz, porque [...] lá estava a casa dos meus pais, o limoeiro, o poço, os degraus de pedra, a sombra da acácia, o retrato de minha mãe[...] 28

25 ANTUNES, António Lobo. “No fundo do sofrimento uma janela aberta”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.283.

26 Idem. P.284.

27 Idem. P.284.

28 ANTUNES, António Lobo. “No fundo do sofrimento uma janela aberta”. OP. cit. P.285.

O que se percebe com esse discurso imagístico é que, de um momento para outro, o espaço se transforma, trazendo de volta sensações agradáveis. Trata-se, pois, do uso da memória como um recurso produtivo para um presente adverso.

As crônicas que se seguem tratam também do ambiente materno e passado, agora diferente da recriação feita em “Uma carta para Campo de Ourique”. Nestas crônicas o espaço físico da casa se mantém em meio às alterações do tempo e do entorno. O que se transformam são os olhares dos personagens sobre estes espaços que concentram o passado.

Em “Elogio do subúrbio”²⁹ e “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”³⁰, Lobo Antunes fala do local onde cresceu. Refere-se aos espaços do passado, às transformações do bairro de Benfica hoje, naturalmente, um cenário bem diverso do anteriormente vivido.

Na primeira crônica, são descritas as fronteiras espaciais do universo infantil: o bairro é o país da infância, limitado por estabelecimentos comerciais e de serviço como a drogaria, a mercearia e a pastelaria. Esse espaço é definido por uma escala artesanal de vida, onde se trabalha a massa com as mãos, se modela uma sola de sapato ou se avia um medicamento. São ofícios simples e concretos num quarteirão de rituais cotidianos, cheio de cheiros e sons. Aqui, espaço e tempo das explorações são impulsionados pela curiosidade da criança, capaz de transformar cada dia num episódio de aventuras e novidades. Esta fase da vida se caracteriza por ser a época das descobertas de mundos além-muros, de novos mundos povoados por culturas e crenças diferentes das vividas em casa. Estes mundos mágicos exercem um irresistível poder de atração sobre a criança, pois em cada quarteirão ela encontra os pontos cardeais que passam a orientar os seus enredos. São suas escolas de vida. Desta forma, o autor compõe pequenos esquetes bizarros, característicos do olhar e do imaginário infantil que particulariza a leitura de cada personagem:

[...] e demorava-me à tarde na oficina de sapateiro do senhor Florindo, a bater sola num cubículo escuro rodeado de cegos sentados em banquinhos baixos, envoltos no cheiro de cabedal e

29 ANTUNES, António Lobo. “Elogio do subúrbio”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.13

30 ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.233

miséria que se mantém como o único odor de santidade que conheço.³¹

As lembranças da escuridão, do forte cheiro do cabedal, da cegueira, dos fados e das tragédias vividas na infância, são construídas e pautadas por exageros e contrastes que, quando evocadas, parecem ilustrar e temperar o dia a dia do personagem provocando reações, movimentos e emoções. Percebe-se como a leitura pessoal, feita a partir do mundo concreto, torna-se a base para o exercício do abstrato e dá substância à configuração de ilhas de fantasia do universo infantil e aos elementos da memória do adulto. De acordo com Certeau:

A infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir os seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz as suas superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade “metafórica” ou em deslocamento, tal como a sonhava Kandinsky : “uma enorme cidade construída segundo todas as regras da arquitetura e de repente sacudida por uma força que desafia os cálculos”.³²

Deste modo a infância é sentida no tempo comprido e lento, marcado pelas estações do ano:

[...] nas noites de julho quando o pólen da acácia me chovia nas pálpebras, eu morto de amores pela mulher de Sandokan, descobria-me unicórnio trancado na retrete da escola,[...] ³³

Percebe-se melhor a genialidade do autor, quando este concentra a recriação de um tempo em poucas palavras como, por exemplo, o instante de um universo em expansão no pólen, que chove e faz pulsar e latejar o corpo adolescente e cheio de fantasias que Lobo Antunes transforma e ilustra, poeticamente, em unicórnio. Desta forma representa a realidade de uma época em que a cabeça é tomada pelas paixões, pelo sexo, pelo falo. O pólen catalisador, como um elemento *produtor* das fantasias e das experiências fundamentais do passado, é o mesmo pó mágico presente e vivo que mantém a mesma capacidade de fazer irromper sonhos e vivências. O pólen da mesma acácia que atravessou o tempo e se mantém viva no presente do personagem:

[...] e contudo a acácia dos meus pais, teimosa, resiste. Talvez que só a acácia resista, que só ela sobeje deste tempo como o mastro, furando as ondas, de um navio submerso.³⁴

31 ANTUNES, António Lobo. “Elogio do subúrbio”. Op.cit. P.13

32 CERTEAU, Michel de. Op.cit. P. 191.

33 ANTUNES, António Lobo. “Elogio do subúrbio”. Op.cit. P.13-14.

34 ANTUNES, António Lobo. “Elogio do subúrbio”. Op.cit. p.15.

A árvore, marco que se mantém como um totem e uma referência de espaço e tempo, parece funcionar como um elemento de transformação e reparação, na medida em que faz com que a memória aja como um arquivo de consulta afetiva, ou um alimento para a alma, frente às incertezas vividas pelo homem urbano contemporâneo:

A acácia basta-me. Arrasaram as lojas e os pátios, não tocam Papagaio Loiro no sino, mas a acácia resiste. Resiste. E sei que junto do seu tronco, se fechar os olhos e encostar a orelha ao seu tronco, hei-de ouvir a voz da minha mãe chamar

-Antóóóóóóóóóó

E um miúdo ruço atravessará o quintal, com um saco de berlindes na algibeira, passará por mim sem me ver e sumir-se-á lá em cima no quarto, a sonhar que ao menos a mulher de Sandokan não o obrigaria nunca a comer puré de batata nem sopa de nabijas durante o tormento do jantar.³⁵

Neste cálido final, Lobo Antunes parece lembrar que as chaves que ajudam a transformar a existência numa experiência mais amena e rica, estão junto com “um saco de berlindes na algibeira” do leitor.

Na crônica “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”, encontramos uma situação de espaço-tempo igual à vivida em “Elogio do subúrbio”: o ambiente materno. No entanto, o ânimo é outro, a percepção é de que tudo permaneceu igual, parado, e de que a infância já se foi há séculos. A casa, que agora é dos pais pouco mudou, mas é sentida como outra, perdeu a intimidade de outrora e o personagem carrega a sensação de que:

A infância atravessada é pior que uma espinha: a gente engole bolas de pão e não passa. Talvez seja por isso que vou a Benfica uma vez por mês se tanto e que quando lá vou me sinto como um cão à procura de um osso que julga ter enterrado e afinal de contas não existia osso algum. ³⁶

Esta é uma paisagem vista de fora para dentro. Trata-se da perspectiva de um olhar desalentado, de *adulto*, olhar de estranhamento, que avalia a mudança de escala espacial e a passagem do tempo. Trata-se também de um sentimento diverso das sensações que Bachelard atribui ao devaneio:

[...] no próprio devaneio diurno, a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria sobretudo de ser possuído mais uma vez. Talvez

³⁵ Idem, p.15.

³⁶ ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. Op.cit. p.234.

outrora considerássemos a mansarda estreita demais, fria no inverno, quente no verão. Mas agora, na lembrança reencontrada pelo devaneio, não sabemos por qual sincretismo a mansarda é pequena e grande, quente e fresca, sempre reconfortante. 37

Como podemos perceber a casa, o quintal, a acácia, ou seja, todos os elementos que compõem o ambiente natal são os mesmos, embora neste momento de leitura sejam outros, pela própria moldura do olhar que os vê:

Um osso que mesmo assim procuro até me arderem os olhos. Como me procuro nos álbuns de retratos. Como me procuro embaixo da cama (está lá, a minha cama) como me procuro no quintal, [...] fico no automóvel a ver o muro, o portão com um ananás de cada lado, as janelas trancadas, a copa escura da acácia porque é noite. Se calhar é sempre noite quando a gente cresce. 38

A mesma acácia da mesma casa, presente na crônica “Elogio do subúrbio”, já não é referência alguma, porque “Se calhar é sempre noite quando a gente cresce.” 39. Trata-se de um espaço morto, cuja escuridão impede o personagem de perceber as coisas com nitidez, o olhar se torna turvo. O antigo cenário transforma-se em foto amarelecida, anoitecida como os “retratos de mortos” 40. A crônica se agudiza em um momento extremo de um estranho no ninho que vê, a partir do automóvel, um cenário morto e entalado. São os espaços do passado que perderam o contexto, ou melhor, que se perderam no enredo da vida.

O osso que o personagem “julga ter enterrado” para poder continuar existindo - seja este osso a casa, os quartos, o bairro, o tempo ou a infância – parece ter que permanecer na memória e como memória. Da mesma forma, alguns objetos de pesquisa arqueológica que, no momento em que as tumbas são abertas, se esfacelam ao contato com o ar, estes “ossos” não podem ser violados, não podem sofrer escavações, ser verificados, ou confrontados com a realidade do presente.

Este exercício da memória sugere a perda de um tempo, isto é, a perda da chave para a entrada em conhecidos espaços, de acesso ao Lugar que, na acepção de Michel Certeau, “implica uma indicação de estabilidade”⁴¹. Esses espaços restam hoje como fotografias, como instantâneos mumificados que criam um

37 BACHELARD, Gaston. Op.cit. P.29.

38 ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. Op.cit. P.234.

39 Idem.

40 Idem. P.233

41 CERTEAU, Michel de. Op.cit. P. 201.

vácuo de sentido, quando se processa uma representação estática do passado. A casa, o piano, a acácia e o portão estão lá, pouco mudou no cenário conhecido, mas a sensação é a de que tudo ficou para trás, parado.

Lobo Antunes mostra nessas crônicas que partir da capacidade do uso da memória, os espaços da casa, do bairro e da cidade passam a ser realidades múltiplas e infinitas por serem únicas para cada um e que tal procedimento determina um desfolhar sem fim de realidades-sensações. Por outro lado, esta mutação também se estende, dentro de cada um, variando de acordo com o momento vivido e do uso que faz da memória, o que acaba provocando uma série de realidades que se sobrepõem e se intercalam como uma superfície permeável, porosa. Podemos passar a considerar o surgimento de um não-lugar onde antes existia um lugar, como o surgimento de um *ex-lugar*.

Entretanto, os movimentos da vida continuam. No presente, a casa não é a mesma como também não são os mesmos os seus habitantes. Esta constatação parece gerar a firme resistência em admitir a própria passagem do tempo. O que resta então são os múltiplos olhares e as múltiplas realidades que reforçam a idéia de que vivemos numa tênue e permeável linha, no limiar entre o vivido (memória) e a projeção de futuro (desejo). Persiste também a idéia de que não existe uma memória única, estática e que a mesma lembrança pode nos levar ao prazer ou ao desprazer.

Nestes recortes de tempo que compõem as crônicas, Lobo Antunes denuncia o desconforto sentido e ressentido no eterno embate humano entre seus espaços interiores, subjetivos, e o mundo real. Neste sentido, o autor chama a atenção para a noite que se introduz nas pessoas, com a sensação de que algo está fora do lugar, como um mal estar instalado e crônico. Lobo Antunes nos fala do fim dos sonhos e dos nossos desencontros, isto é, os “reumatismos da alma” que não conseguimos curar e que acabam transformando as relações com o outro e com o mundo numa sucessão de cenas de angústia e inapetência.

O autor sublinha as dificuldades do homem contemporâneo diante da falta de intimidade com o outro. Carrega nas tintas da percepção de que as relações afetivas vão cada vez mais se tornando desbotadas e frágeis. Com isso, reproduz fielmente a mesmice e as não-relações, a bizarrice humana, a vida como um passatempo à espera da aposentadoria e da morte, um mundo de solidão.